

Diversão & Arte

GARIMPEIRO de
TALENTOS

NO LIVRO EM
**SINTONIA COM O
SUCESSO**, O DIRETOR
ARTÍSTICO JORGE DAVIDSON
RELEMBRA OS BASTIDORES DA
DESCOBERTA DE NOMES COMO
LEGIÃO URBANA, PARALAMAS
DO SUCESSO E NAÇÃO ZUMBI,
ALÉM DAS APOSTAS QUE
FICARAM PELO
CAMINHO

Jorge Davidson:
"Renato Russo
era um gênio"

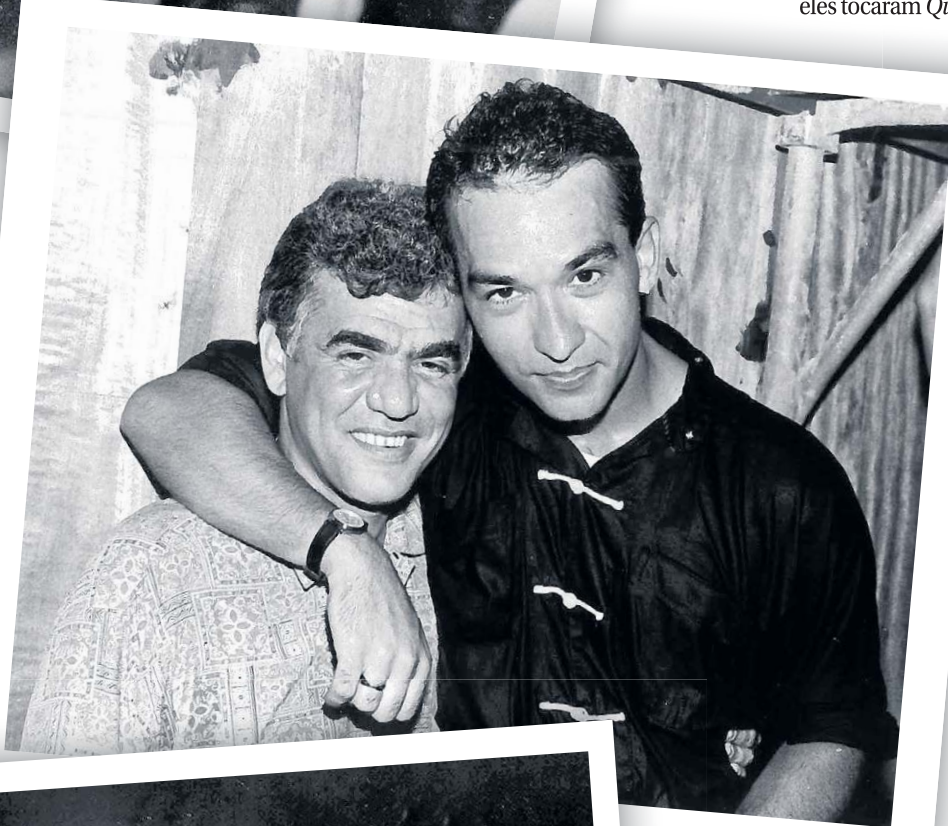
Fotos: Arquivo pessoal



Os Paralamas do Sucesso
foram o segundo acerto da
carreira do então executivo

EM SINTONIA
COM O SUCESSO
— A ARTE
DE REVELAR
TALENTOS
NA MÚSICA
BRASILEIRA

De Jorge Davidson,
Gryphus Editora, 380
páginas, R\$ 109,90



te caboclo, Música urbana e Que país
é esse?, que, apesar de composta em
1978, ainda é um clássico. É pertinen-
te até hoje e cantada pela plateia aos
berros. É sempre emocionante ouvir",
declara o diretor.

Nação e Planet

A década de 1990 trouxe novos
nomes para o extenso catálogo de David-
son, então contratado da Sony. Com
Chico Science & Nação Zumbi, por
exemplo, o diretor artístico foi respon-
sável pela gravação de *Maracatu atô-
mico*. "Eles valorizavam muito as raízes
pernambucanas e a mistura do mara-
catu e do coco com o rock e o rap, en-
tão sugeri que eles incluíssem a música

no álbum *Afrociberdelia*. A ideia foi
bem recebida, mas eles relutaram
um pouco. Bandas que, como a de-
les, têm um conceito muito próprio,
muitas vezes, não querem regravar
outros artistas", narra.

Chico, que não conhecia muito bem
Maracatu atômico nem sabia cantar a le-
tra, foi "incentivado pelos colegas" a em-
barcar na ideia, segundo Davidson. "A re-
sistência era para evitar que a música, já
conhecida pelo público, chamasse mais
atenção do que Manguetown ou Etnia,
que eram as propostas de single do dis-
co. Eles resolveram gravar de última
hora e, a meu ver, fizeram algo especta-
cular", afirma o diretor artístico.

Para Davidson, a morte de Chico
Science, em 1997, foi uma das grandes
perdas da música brasileira. "Se não ti-
vesse ido tão cedo, ele estaria no nível
dos grandes, junto com Renato Russo,
D2, Herbert Vianna e Nando Reis, ou
até mesmo Gilberto Gil e Jorge Benjor.
Ele é muito respeitado dentro da comu-
nidade artística, mas não teve o alcan-
ce que deveria ter tido devido à sua ida
prematura. Ele era muito inteligente,
criativo e excepcional no palco. Um ca-
ra que criou um som novo e diferente,
que nunca tinha sido feito e que ficou
difícil de ser replicado, porque havia
muita originalidade contida ali", avalia.

Na mesma época do Nação Zumbi,
Davidson se apaixonou à primeira vista
pelo Planet Hemp. "Pude assisti-los no
Rio, uma banda extremamente carioca,
que mistura rock e hip-hop e tem um ar-
tista poderoso à frente, Marcelo D2. Ime-
diatamente, parti para a contratação", ri o
diretor artístico. "A Sony já havia assina-
do, nos Estados Unidos, a banda Cypress
Hill, que tratava de temas similares, co-
mo a liberação da maconha e críticas a
autoridades policiais. Então a gravado-
ra apoiou complementamente", conta.

Apesar das polêmicas que marca-
ram a carreira do grupo, Davidson ga-
rante que a contratação nunca foi um
problema para a gravadora. "É até en-
graçado, porque o disco do Tiririca nos
deu mais trabalho do que os do Planet.
Tivemos diversos problemas jurídicos.
O álbum foi proibido de execução e, ele,
acusado de racismo, devido à música
Veja os cabelos dela", revela.

Os "foras"

Nem só de acertos foi feita a trajetó-
ria vitoriosa de Jorge Davidson. A ban-
da brasileira Natiruts é um dos exem-
plos que foram deixados de lado pelo
diretor artístico. "Eu não os via no mes-
mo nível que Cidade Negra, Skank e Pa-
ralamas. Eu entendia que *Beija-flor* era
um sucesso, mas não assinei. Na épo-
ca, eu estava na BMG e eles fecharam
com a EMI e estouraram", relata. "Ho-
je, eles lotam estádios, mas, na época,
não acreditei que eles pudessem ser
tão grandes como são. Paciência", diz.

"O Kiko Zambianchi é alguém que
assinei e que poderia ter ido muito
mais longe, mas, por algumas razões
empresariais e dele mesmo, infeliz-
mente não foi", continua Davidson.
"Eu sentia um pouco de decepção por
ele não ter chegado no topo, porque
ele merecia. Eu sabia que *Primeiros
erros* era uma música poderosíssima
e, felizmente, o Capital Inicial regravou
e transformou no sucesso que é,
reabilitando a carreira dele. Sou feliz
que ele está na ativa, com uma carreira
artística e é um compositor de sucesso",
comemora o diretor artístico.

A banda de Dinho Ouro Preto tam-
bém não saiu ileso e foi uma das bandas
não assinadas por Davidson. "A Legião, os
Paralamas e a Plebe Rude, todos relacio-
nados à Brasília, me incentivavam a con-
tratar o Capital. Mas o repertório deles
era, basicamente, o legado do Renato, e
eu não acreditava que eles conseguiriam
resolver a carreira com um material pró-
prio. E eles conseguiram só no *Acústico
MTV*, exatamente com *Primeiros erros*.
Mas sempre torci por eles", garante.

O diretor artístico
foi responsável pela
gravação de Chico
Science & Nação
Zumbi de *Maracatu
atômico*

